

# LÍNGUA TERENA: CONTRIBUIÇÕES PARA SUA DOCUMENTAÇÃO

Aronaldo Júlio e Claudete Cameschi de Souza

Acadêmico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana.

Departamento de Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Resumo:** Com o objetivo de contribuir para a descrição e documentação da língua terena, apresentamos, neste texto, leituras sobre o histórico desse povo; língua materna, resultante de pesquisa de Iniciação Científica, realizada no bojo do Projeto Ko'uhépuneti: língua e cultura terena e a partir de plano de trabalho com o mesmo título deste relatório. Como pesquisa de caráter bibliográfico, exploratório e empírico, de cunho qualitativo o trabalho incluiu os seguintes procedimentos: levantamento bibliográfico sobre o povo, cultura e língua; entrevistas e narrativas de anciões filmadas e gravadas e trabalho linguístico no interior da escola da aldeia, com alunos do ensino médio.. Para alcançar o objetivo proposto e considerando a proposta metodológica, os resultados aqui apresentados referem-se ao levantamento bibliográfico, leituras, resenhas e resumos de tematizações acadêmicas sobre a história e língua desse povo; entrevistas com membros da comunidade sobretudo os anciões, coletadas na Terra Indígena de Cachoeirinha, Aldeia Argola, município de Miranda/ MS. Como suporte teórico, selecionamos, principalmente os textos de Bittencourt e Ladeira (2000), Cardoso de Oliveira (1968; 1976), Azanha (2003), Silva (2003) por serem, a nosso ver, mais representativos das questões aqui postas. Embora embrionários, os resultados apontam que o povo terena da TI de Cachoeirinha, Aldeia Argola busca preservar e revitalizar aspectos culturais dessa etnia tendo como maior marca o uso da língua materna que, traz no seu léxico palavras polissêmicas, homônimas e polifônicas carregadas de conceitos, concepções e mitos e tradições culturais, em especial em relação à flora e fauna terena.

**Palavra-chave:** Povo terena, Aspectos culturais, Aspectos linguísticos.

## INTRODUÇÃO

Povo Terena! Povo guerreiro! Meu povo!

Constituindo a segunda maior população indígena de Mato Grosso do Sul, nós Terena somos narrados e descritos por pesquisadores como hábeis agricultores, guerreiros que atuaram na Guerra da tríplice Aliança (Guerra do Paraguai), pacíficos e estrategistas em questões que envolvem a sobrevivência do grupo. Nos últimos anos, temos figurado na mídia nacional pela luta pela terra, nos processos de retomada, pelo aumento populacional e pelo investimento em formação e titulação de advogados, profissionais da saúde e, sobretudo de professores. Hoje temos professores graduados, mestres e doutores que se transformaram de objeto de pesquisa a pesquisadores de nossa cultura, identidade e língua, em especial.

Inserindo-me nesse grupo de professores, já que sou graduado em Letras (Português e Espanhol) e especialista em Neuropsicopedagogia, estou terminando a Licenciatura Indígena Povos do Pantanal, área de Linguagens e Conhecimento Tradicional e já desenvolvi um plano

de trabalho de Iniciação Científica, no período de 2012/2013, no mesmo projeto: “Kouhépuneti: língua e cultura terena, julguei ser muito importante para mim e para a minha comunidade continuar com a Iniciação Científica e desenvolver pesquisa de levantamento de dados sobre a língua terena e procurar relacioná-la com a cultura, contribuindo, acredito, para a sua documentação.

Assim, no desenvolvimento de meu plano de trabalho, procurei associar três tipos de pesquisa: bibliográfica, exploratória e empírica, com o objetivo geral de contribuir com a descrição e documentação da língua e da cultura terena; e, como objetivos específicos: 1 elaborar um levantamento bibliográfico sobre a língua terena; 2 contribuir com a elaboração do banco de dados da língua; 3 produzir material áudio-visual sobre a cultura e a língua terena. As discussões e dados que exponho nesse relatório referem-se à coleta junto aos anciões e professores da minha comunidade; os meus conhecimentos sobre a língua e seu uso cotidiano e com meus alunos na escola da aldeia. Quando coletados dados junto aos anciões, gravei e filmei (eles usam a língua terena nas filmagens e entrevistas), com autorização verbal e depois por escrito e assinado.

Para melhor organizar este relatório, primeiro narrei a história do povo pela fala do branco pesquisador. Depois, trago a fala dos patrícios sobre o povo, cultura, Terra Indígena (TI) de Cachoeirinha e povoamento e criação da aldeia Argola, onde moro com minha família e que constitui um setor da TI Cachoeirinha. Em seguida aponto a metodologia, como realizei a pesquisa. O levantamento bibliográfico sobre a língua, identidade e cultura é apresentado nos resultados, bem como o levantamento linguístico e pequena tentativa de registro do léxico referente a fauna e flora. E, para encerrar, apresento algumas considerações sobre o trabalho que realizei.

### **Povo Terena: passado e presente na constituição do povo brasileiro**

Os pesquisadores dizem que a história do povo terena, assim como de outros povos, é construída “por permanências e mudanças” (SILVA, 2013, p. 21). Citando Bittencurt e Ladeira (2000, p. 107), Silva esclarece que

o modo de viver dos terena mudou muito, os contatos com outros povos indígenas, com os portugueses e brasileiros, fizeram com que muitos dos hábitos fossem transformados. Tais mudanças podem ser vistas no trabalho e na relação com a terra e seus produtos, nas construções das casas, nas vestimentas, nos alimentos, entre outros hábitos. Por outro lado, muitas coisas resistiram ao contato, entre elas a língua, as festas, as relações familiares, políticas, artesanato entre outras manifestações culturais. (p.21).

Na esteira de Silva (2013), Bittencurt e Ladeira (2000), e outros pesquisadores, da comunidade da TI de Cachoeirinha, além da minha vivência cultural e étnica como terena, posso dizer que o comportamento social considerado adequado na sociedade terena hoje mudou em relação aos depoimentos dos anciões, no que diz respeito às regras educativas tradicionais. Dentre essas mudanças, destaco: *ensinar o filho a caçar*, vez que com o passar do tempo a caça foi extinta e hoje os animais destinados à alimentação são criados em cativeiro. Os córregos estão secando. A venda do produto excedente das plantações de roças é que sustentam as famílias. As matas nativas onde a fauna e a flora eram intensas foram substituídas por pastos. As cerimônias tradicionais como o casamento, realizado na rede, hoje se realizam nas igrejas católicas e evangélicas e, embora ainda aconteçam em datas especiais, como no dia do índio, as danças não estão sendo cultivadas e a língua, mesmo falada em minha comunidade, perdeu muito de seu contexto linguístico, extralinguístico, estrutural, e nos aspectos lexicais, fonéticos e fonológicos, morfossintáticos e semânticos. Em outras comunidades, como Limão Verde, Ipegue, Buriti, por exemplo, esta desaparecendo.

A modernidade adentrou a comunidade pelo contato com outras sociedades, dentre elas a mais marcante: a sociedade hegemônica, dilacerando parte da cultura, processos identitários e interferindo no uso da e na língua materna terena. Diante desses novos tempos, foi preciso nos adaptar e, hoje, nós Terena devemos ser hospitaleiro, atender bem a quem nos procura, sendo agradável e amigo. Devemos demonstrar boa e adequada educação não somente em casa, como também em todos os ambientes que frequentamos.

Entretanto, mesmo com a chegada da modernidade, do atendimento à saúde indígena (precário), dos conhecimentos agrícolas do branco, alguns conhecimentos tradicionais deveriam ser preservados, como, por exemplo, as parteiras, o calendário tradicional, no qual as estações do ano são marcadas de forma diferente do calendário do branco: o outono é assinalado pela colheita do feijão; o inverno e o verão pela coleta das frutas; a primavera pela ceifa do cará e feijão de fava.

Como se pode observar nas considerações acima, passado e presente se cruzam e entrecruzam no nosso modo de ser terena. Queremos a modernidade da sociedade hegemônica e a ela pertencer, mas precisamos olhar o passado e sua significação para nós no sentido de preservar, revitalizar e pró-vitalizar nossa cultura, identidade e língua. Acçolini (2002, p. 43)

traz em seu texto uma resposta de um senhor indígena terena, a ela proferida, quando indagado sobre “o que significava ser terena para ele e que a ela surpreendeu: *Antes de ser terena, ser um brasileiro*”. Como brasileiro e terena tenho direitos aos costumes e língua.

Em síntese, conforme Ladeira (2001), o povo Terena é um subgrupo remanescente da nação Guaná no Brasil que, através de fenômenos voluntários e intencionais de migrações em busca de sobrevivência, ou seja, fugir de perigos como conflitos interétnicos, busca de novas e boas terras com condições favoráveis à agricultura, entre outros, cruzou o Rio Paraguai em direção ao atual Estado de Mato Grosso do Sul, proveniente do Chaco Paraguaio/Boliviano, região também conhecida como Ênxiva.

A respeito da organização social, Cardoso de Oliveira (1976, p.35, 36) relata que no passado, “a estrutura social terena estava dividida em dois grupos distintos e socialmente sobrepostos: o grupo dos cativos ou kauti e o grupo social dominante Xané”. Desse último grupo, Xané, originam-se, segundo o autor, os terena “e que se dividiam por sua vez em dois grupos: um, o dos “chefes” e suas parentelas, denominados Naati, e o dos homens comuns ou o povo, denominado Waherê.” Em relação ao parentesco, afirma ainda, Cardoso de Oliveira, que “o casamento entre estes dois grupos era vetado. Dividiam-se ainda os Terena, com exclusão dos Kauti, em duas metades cerimoniais, Xumonó e Sukirianó, cujas funções eram regulamentar o comportamento mágico-religioso” (p.36).

Adotando o pensamento de Cardoso de Oliveira (1976, p.21), posso dizer que o povo Terena, como agricultores, como mão de obra das fazendas, como guerreiros na Guerra da Triplice Aliança, são considerados como a nação indígena que mais colaborou “para a formação do centro oeste brasileiro” . Conforme Cardoso de Oliveira (1976), Silva (2013), Bittencurt e Ladeira (2000), Rosa (2010), Marques (2009), entre outros, depois do fim da Guerra da Triplice Aliança, muitas aldeias desapareceram ou se juntaram a outras e, o meu povo foi extorquido de grande parte de nossas terras, formando pequenas aldeias e, conforme Cardoso de Oliveira (1976, p. 70), citado por Silva (2013) e o que contam os anciões, essa pequenas aldeias “foram transformados em comunidades indígenas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e outros continuam a aguardar essa providência, sem a qual os grupos locais remanescentes não resistirão ao cerco e à pressão da sociedade regional, no sentido de lhes tomar as terras e de engajá-los às colônias de fazendas” (SILVA, 2013, p.22).

Prosseguindo em seu relato, a autora, seguindo o relatório de Cardoso de Oliveira, assevera que “a história das relações interétnicas registra grande número de comunidades que desapareceram no passado, levando seus componentes a se ligarem a

fazendas ou permanecerem como um contingente móvel, indo das fazendas às povoações e cidades, imersos num contínuo processo de destribalização” (SILVA, 2013, p. 22).

Silva (2013, p.22) ressalta que, mesmo sendo de 1970, o relatório de Cardoso de Oliveira apresenta-se atual, vez que “a situação do povo Terena não é diferente”. Conforme Silva (2013), os noticiários da mídia e minha vivência enquanto pertencente a esse povo, a luta pela terra está viva e aqui e agora. Muitas são as retomadas e processos de reintegração de posse pelos quais temos passado e que deveriam chamar a atenção da sociedade brasileira no sentido de demarcação de nossas terras tradicionais. Fato que deixaria nosso povo feliz e com sentimento de justiça em relação ao passado, pois, nossa felicidade está nas plantações, na terra, na água e na cultura, incluindo aí a nossa língua enquanto patrimônio imaterial.

### **Terra Indígena de Cachoeirinha**

A história da TI Cachoeirinha vincula-se ao que Cardoso de Oliveira (1968) denomina como “terceiro ciclo de ocupação da região [Mato Grosso] e de colonização da população terena” (p. 42), o início do século XX. Segundo o autor, nesse período, por intermédio de Atos firmados pelos presidentes, resoluções e decretos, que as “áreas ocupadas pelos Terena começaram a ser reservadas pelo Estado de Mato Grosso”, (p. 43). A reserva de Cachoeirinha tem sua criação datada entre 1904 (início do processo empreendido pelo Marechal Cândido Mariano Rondon quando da instalação de linhas telegráficas em Mato Grosso) e 1905 quando se efetiva a criação de Cachoeirinha, bananal/Ipegue e Lalima. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1968, p. 43). Segundo Cardoso de Oliveira (1968), naquele período foi reservada uma área de 3 200 hectares para a reserva de Cachoeirinha. Em 1911 foi reconhecida sua demarcação pelo recém criado (1910) Serviço de Proteção ao Índio – SPI.

Em “Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Cachoeirinha”, Azanha (2003) afirma que as primeiras notícias sobre Cachoeirinha são registradas, em 1844, por Francis Castelnau em, “duas léguas e um terço a noroeste de Miranda”. Localização que vem sendo retomada em estudos posteriores, no período Imperial e depois da Guerra da Triplice Aliança e depoimento orais da comunidade de cachoeirinha. Segundo Azanha, a reserva de Cachoeirinha foi delimitada por Rondon e concedida ao extinto SPI pelo estado de Mato Grosso, em 1948, correspondendo a uma superfície de 2.660 hectares. O autor explica que nessa reserva encontram-se núcleos residenciais, denominados

de setores, que naquele período constituíam as comunidades, povoamentos em torno de uma sede. Conforme descreve Azanha:

**Sede:** é o núcleo mais antigo da comunidade e também onde se localiza o posto da FUNAI. Compõe-se, segundo dados da FUNASA, de 164 residências, com uma população total de 1.325 pessoas; **Argola:** área de roças mais antigas, hoje formada por 38 moradias, com uma população de 485 pessoas; **Babaçu/Campão:** também área de roças, cuja maior parte da população é composta por descendentes de migrantes da comunidade Lalima; possui 78 casas e uma população de 504 pessoas; **Morrinho:** localizada próxima à sede, conta hoje com 31 residências e uma população de 234 pessoas; **Lagoinha:** setor mais recente, conta com 16 casas e uma população de 72 pessoas. Em todas as comunidades Terena, há hoje o **setor** que é a unidade social mais inclusiva, dotada de autonomia política, ou seja, possui um cacique e um conselho tribal que responde pelas relações políticas de cada setor. (Azanha, 2003, p.01)

Com base em leituras e depoimentos, é possível registrar que o primeiro líder da sede, Aldeia Cachoeirinha, foi o senhor Josezinho Felipe, apelidado de “Kali Síni” – herói indígena. Em 1940, o Cacique Timóteo, dividiu a Cachoeirinha em setores, com o objetivo de organizar a plantação de roça, produzindo produtos para subsistência indígena. A Aldeia Cachoeirinha, encontra-se localizada a 15 (quinze) quilômetros do centro da cidade de Miranda, Estado de Mato Grosso do Sul, possuindo uma área territorial de 2.644.680 (duas mil, seiscentas e quarenta e quatro hectares, seiscentos e oitenta metros quadrados). Hoje (2014), a TI de Cachoeirinha constitui-se de uma sede – Aldeia Cachoeirinha e cinco setores: Argola, Babaçu, Morrinho, Lagoinha, Mãe Terra e duas áreas em processo de retomada, Mara'o xapa e Tumune Kalivobo, também chamada de Charqueada. Exceto as últimas, as demais aldeias possuem um conselho tribal e um cacique.

**Figura 1** Mapa de localização da TI de Cachoeirinha.



Fonte: <http://www.neppi.org/fz> acessado em 31/01/2006.

Em relação ao território da TI Cachoeirinha, posso afirmar que é o principal problema por nós enfrentado nessa TI . O espaço físico está muito restrito e a população crescendo muito. Para resolver esse problema, só retornando a terra que foi perdida anos atrás. Os governantes não entendem que os povos indígenas estão crescendo, e não mais fadados à extinção. O problema se agrava, envolvendo o índio e não índio, com a polêmica da “Demarcação de terras indígenas”, garantida por Lei e assegurada na Constituição Federal de 1988, e até a presente data não se chegou a um entendimento entre a sociedade, governo e ministério público. Com isso, os conflitos aumentam nas aldeias do município de Miranda, se estendendo por todo o território do Estado de Mato Grosso do Sul.

### **Aldeia Argola: história pela memória**

Quando chegaram os primeiros moradores desta localidade, vieram em busca de uma terra melhor para plantar lavoura. Instalaram-se nesta localidade exatamente por que encontraram uma mina d’água borbulhando em várias direções, de forma circular, nesta condição acharam por bem se fixarem neste local plantando a sua lavoura de várias espécies de abóbora, denominada pela própria família como KÁMEKOE, citada pelo antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1976).

Os primeiros moradores que se instalaram nesta localidade foram: a família de KOHÓMENO (Felipe Antonio), tocando a sua lavoura e depois vieram as famílias de

KULÂAMA, VESÉKE, XORÓ, e KÚMBA, que hoje os seus descendentes povoam esta comunidade indígena denominada Argola.

O nome Argola surgiu exatamente por causa da mina d'água encontrada de forma circular. Essa é a verdadeira versão dada pelos anciãos da comunidade indígena da aldeia Argola; havia uma outra versão contada para o surgimento do nome Argola, segundo a qual os primeiros moradores que chegaram aqui, construíam as suas casas de forma circular era uma informação equivocada e inventada que não era verdadeira, conforme confirma o depoimento de um ancião, concedido a esse pesquisador, em 06 de abril de 2012:

#### ÚKEAKU ÂKULEA

Enepo inâ seopo ne inúxotihiko ko'óvokuti yara ipuxóvokuti, seopínoti itúkeahiko kavâne, êno novo nónehiko kâme (KÁMEKOE), kixoanovo ihaxeahiko mekúke, itúkinovoke yâyeke ovóhiko, vo'ókuke itopónotihiko uke une purupu'i koeti, énomone úkea iha ra ÂKULEA, vo'ókuke uke une apêtico tukú koeti kó'oyene. Enepora inúxoti ko'óvokuti seópoti ká'aye itúkovoye: KOHÓMENE, ina seôpo ne KULÂAMA, VESÉKE, XÔRO yoko KÚMBA, énomone itukoa amósenoxapa ra ko'óvoku yara ipuxóvokuti koéhati ÂKULEA, kene haína vo'óku purupû'i kíxea óvoku ne inúxoti ko'ókuti seópotihiko yara ipuxóvokuti.

Embora contando com um número menor de moradores e, conseqüentemente de falantes em relação à Aldeia Cachoeirinha, a Aldeia Argola é falante da língua terena e tem procurado manter as tradições possíveis para a modernidade que se instaurou na TI Cachoeirinha, com ênfase no registro linguístico da língua terena, no seu ensino na escola, além da procura em manter as danças, comidas, mitos e outros aspectos culturais, em especial, por meio da escola.

Para a comunidade de Argola, na qual me insiro, os dizeres do Referencial Curricular Nacional par as Escolas Indígenas – RCNEI - devem ser respeitados, pois atendem aos seus anseios no que diz respeito ao trabalho escolar que precisa trabalhar de acordo com a realidade do aluno, compreendendo e valorizando a sua cultura e costumes, abrangendo, também, o conhecimento global. A participação da comunidade na administração e nos trabalhos, ajudando a indicar as diretrizes e a identidade que queremos da escola, é fundamental em todo o processo de escolarização de nossas crianças, sendo igualitária e consciente na valorização de seus saberes. Parece não haver dúvidas de que a escola exerce importante papel no processo de revitalização da cultura, língua e crenças de meu povo. Essas



preocupações que nortearam as pesquisa linguístico e cultural realizada, cujos resultados serão apresentados no item específico deste relatório.

Resta-nos ressaltar que a língua terena pertence a família linguística Aruak e há poucos trabalhos que a descrevem. A primeira descrição da língua que temos notícia foi feita pelos missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) na década de 1960, com fins de evangelização.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente fizemos a pesquisa bibliográfica, a partir da qual pudemos localizar, entre trabalhos de conclusão de cursos de graduação, dissertações de mestrado e tese de doutorado, 14 textos sobre identidade e cultura; 12 a respeito de aspectos linguísticos da língua terena; e, 13 sobre a educação escolar indígena (terena). Para a coleta de dados referentes à cultura e língua, sobretudo na TI Cachoeirinha e Aldeia Argola, procedemos a entrevistas gravadas e filmadas, com autorização dos entrevistados, que foram transcritas e utilizadas neste relatório. Como resido na comunidade pesquisada, atuo como professor e coordenador de área, portanto, conhecido pela comunidade, gravei e, depois, fotografei a flora conhecida e aquelas ainda existente apontada pelos entrevistados. Com a ajuda dos alunos fizemos o mesmo com a fauna. Durante as aulas na escola e as entrevistas e filmagens, procedi ao levantamento de palavras polissêmicas e ou homônimas no interior da língua terena. Da flora e fauna levantamos o léxico. Das ainda existentes, fotografamos e registramos dados culturais de 60 (sessenta), sendo 30 da fauna e 30 da flora presentes na TI de cachoeirinha e, que constituíram um pequeno glossário. Para este relatório, optamos por trazer algumas como exemplo do trabalho, dado o tamanho do arquivo e as finalidades do relatório. Esclarecemos que esse glossário constituirá parte de meu Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal.

## **RESULTADOS**

Embora ainda embrionários e exigindo aprofundamento de discussões teóricas específicas de especialistas, os dados coletados a respeito da língua terena demonstram a presença de palavras que podem ter mais de uma significação e serem analisadas e classificadas como polissemia ou homonímia. A definição de polissemia está inserida dentro dos estudos semânticos, área da língua que se refere ao estudo do significado, em todos os

sentidos do termo. Já a homonímia é a relação entre duas ou mais palavras que, apesar de possuírem significados diferentes, possuem a mesma estrutura fonológica. Dependendo da concepção de significado que se tenha, há diferentes semânticas. A semântica formal, a semântica da enunciação ou argumentativa e a semântica cognitiva, por exemplo, estudam o mesmo fenômeno, mas com conceitos e enfoques diferentes. Apresentamos abaixo uma lista, com frases em terena e sua respectiva tradução sem, contudo classificá-las como polissêmicas ou homônimas, vez que carecem de estudos mais aprofundados.

#### **NÓVO – NO PASSADO**

Koati yómoti íhokea **nóvo** ra ònju mekuke.

O meu no passado gostava muito de caçar.

#### **NÓVO – FOI PLANTADO**

Nóvo ra ake nonéti ya kavanéke.

As sementes foram plantadas na roça.

#### **HÎYO – FORMIGAS PRETAS COMUM NA ALDEIA**

Eno hiyo urúkovoti ovokútike yótike.

Entraram muitas formigas pretas na casa ontem a noite.

#### **HÎYO – DANÇAR**

Hîyo ra ònze ya xoko ayuítí.

A minha vó dançou na festa.

#### **ÍNATI – PESADO**

Ínati ra tikóti éñjerui.

A madeira que eu levantei é pesada.

#### **ÍNATI – RECENTE**

Ínati ra nzímo yáyeke xapa ho'uxovoti.

Ceguei recente aqui na reunião.

#### **ÓVOKUNE – CASA DELE**

Óvokune mbo'ínu Ra hána'iti ovokuti.

Esta casa grande é a casa do meu irmão

#### **ÓVOKUNE – ELE VAI FICAR AQUI**

Óvokune ra nje'éxa , ako kená'aka kavanéke.

O meu filho vai ficar aqui, não vêm com a gente pra roça.

#### **NAKÁTI – COLAR**

Uhé'ekoti nakáti ítuke ra homoêhou.

O moço fez uma lindo colar.

#### **NAKÁTI – SEMENTE**

Êno nakáti sopôro isáneke ra eúngo.

O meu tio tem muitas sementes de milho na sua roça.

Também localizamos palavras polifônicas, ou seja, com vários sons, simultaneidade de várias melodias:

#### **KUXOTÍNE – JÁ ESTÁ ESPERANDO**

Kuxotíne ivú'e ra mbo'ínu usóne.

O meu irmão já está esperando a sua condução para viajar.

#### **KÚXOTINE – ANTIGO**

Kúxotine ra vaka ákone aúniati.

A carne é antiga, não presta mais.

### **EHAKÓVOTI – CORRENDO**

Koati ehakóvoti ra kalivono.

A criança está correndo mesmo.

### **EHÁKOVOTI – ANDAR LIGEIRO**

Koati ehákovoti ra kalivono.

A criança anda rápido mesmo.

### **KÂMO – OUVIR**

Kâmo ra yékoteno vitukínoa xêti.

O idoso ouve quando a gente conversa com ele.

### **KÁMO – CAVALO**

Éxoti ra mbéyo kâmo.

Em relação à flora e fauna elaboramos um glossário com sessenta entradas de nomes das plantas e animais, com imagens fotográficas daqueles que ainda existem na comunidade e com notas culturais levantadas junto aos anciões da aldeia. O conhecimento tradicional dos indígenas tem ganhado espaço no mundo contemporâneo e hegemônico, em especial em relação ao conhecimento e uso de plantas para remédios. No passado, o uso das plantas era a única forma de se tratar de doenças e ferimentos dos indivíduos das comunidades indígenas. Com o passar dos tempos, o *purutuya* foi introduzindo o costume dos chás, emplastos e banhos de ervas que foram aprendendo com os indígenas durante as expedições, as guerras e quando buscavam (e buscam) a pajelança para resolverem problemas de saúde do corpo e dos espíritos.

A ciência também reconhece alguns benefícios medicinais de plantas utilizadas pelos indígenas, cujos efeitos já foram estudados, testados em laboratórios e passaram a compor fórmulas de medicamentos para diferentes problemas de saúde do corpo. Nas prateleiras dos supermercados e em farmácias já encontramos, industrializados, chás e emplastos de ervas que tiveram sua “descoberta e finalidade de uso” nos povos indígenas. Assim, uma vez que conhecemos as plantas, podemos colher delas as folhas,

O meu cavalo é manso.

### **YAHÍKAPUNE – PODE CHEGAR**

Yahíkapune yara xoko kali yunjúkukovoku.

Pode chegar aqui na minha humilde casa.

### **YÁHIKAPUNE – JÁ PODE TOMAR SEU BANHO**

Yáhikapune mará'inamo yokó'okori.

Já pode tomar seu banho, senão vai atrasar.

### **ÁNA – RAIZ**

Hána'itinoe ána ra xúpu.

A raiz da mandioca é muito grande.

### **ÁNA – PIOLHO**

Êno ána ra mbéyo tamúku.

flores, frutas, sementes, cascas e raízes. As folhas melhores são as adultas e verdes. As flores em bom estado, as sementes devem ser maduras e secas. A casca e raízes podem ser colhidas fora de época de crescimento da planta. A colheita deve ser feita num dia seco e ensolarado; de preferência pela manhã. É preciso usar a planta certa para cada doença, nunca guardar o chá preparado de um dia para outro, as folhas adultas e verdes são os melhores. Exemplos:

#### BÂBOSA - BABOSA



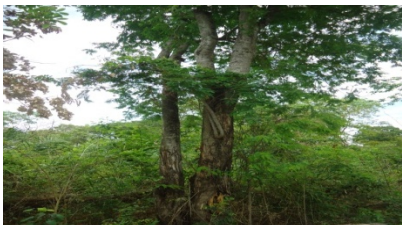
A babosa é uma planta nativa que tem utilidades como remédios, é muito utilizada pela população indígena. Uma das utilidades da babosa como remédio é indicado para combater bronquite. Cortar uma das folhas ao meio e tirar o máximo do sumo e colocar em uma vasilha e, aos poucos, passar na mão esquentando no fogo e depois passando em forma de massagem no peito da pessoa que está sofrendo de bronquite.

#### BÔRDO - BOLDO



Boldo é uma planta comum na comunidade. Usada no combate a dor de estômago, dor de fígado. É de uso interno. É preciso colher as folhas adultas e verdes e colocá-las com água fria e, em seguida, levar ao fogo por 10 minutos. Depois de fervida por 10 minutos, desligar o fogo e tampar até esfriar, coar e tomar uma xícara três vezes ao dia.

#### MBÂRERU – O BARREIRO



O barreiro é uma planta nativa, uma árvore da qual se extrai a casca, cozinha, tampa e deixa esfriar, côa e toma três vezes ao dia para combater cólicas e diarreia.

#### TAMÂRINDA – TAMARINDO




O tamarindo é uma planta doméstica que tem frutos comestíveis e que se pode usar o suco. Quando adulta é utilizada pela comunidade indígena no tratamento de criança que tem a manha, criança manhosa. Colher uma boa quantidade de folhas ,colocar em uma vasilha com água fria e levar ao fogo para ser fervida por uns 10 minutos; tirar do fogo e deixar esfriar ; coar e fazer o banho.

#### KOÉTANO – SÃO CAETANO



É uma planta nativa rasteira que várias utilidades. No caso como remédio caseiro é preciso tirar raiz, limpar, ferver, esfriar e csumir, Atua na regulação da menstruação. Outra utilidade dessa planta é quando a comunidade entra em luta, ou faz rituais em danças ou pajelança, utiliza as folhas do São Caetano para se enfeitar como uma forma de trajes típico e tradicional dos indígenas.

Conhecemos a fauna Terena, lamentamos muito porque quase todas as espécies que eram típicas da reserva indígena foram extintas devido o grande avanço da exploração de agropecuária no nosso território, cabe aqui registrar que para a comunidade indígena terena não tem mais caça e nem pesca. O nosso território cede progressivamente espaço para plantios de grãos e criação de gados havendo grande devastação de matas, sinalizando profundas modificações na paisagem e causando grandes impactos e riscos aos rios, riachos, lagoas e pescas para a comunidade indígena. Exemplos de animais que constituem a fauna da TI de Cachoeirinha:

	<p><b>HURUMUKUKU – CORUJA</b>  É um pássaro noturno que voa e gosta de cantar a noite. Esse pássaro também é usado pelos para atormentar a vida da família, quando alguém não gosta do outro. A coruja quando é enviado pelo pajé, ela fica cantando em cima da casa daquela família, rogando praga pra toda a família. Mas a coruja ela tem outro lado positivo quando a própria natureza se encarrega dela, avisa a pessoa ou a família que algo bom vai acontecer na vida daquela pessoa ou a família; e quando a coruja sobrevoa a casa da família e não canta, ou quando voa e entra dentro da casa sem apresentar um tipo de canto; está avisando a pessoa ou a família que vai acontecer algo de bom pra aquela família, ou um dos membros daquela família vai viajar.</p>
	<p><b>TÍKOA – TAMANDUÁ</b>  É um animal muito grande que se alimenta de pequenos insetos como cupins, vive no mato. Conforme tradição, não pode em hipótese algumacruzar dentro da aldeia, porque é um animal que prevê grandes atrasos para os trabalhos da comunidade e na vida das pessoas. Quando a pessoa o encontra e ele cruza o seu caminho, a pessoa tem que pedir que ele volte, caso contrário vai acontecer um grande atraso na vida da pessoa.,</p>

Como se pode observar nos exemplos citados, a língua materna terena é única, salvo as variações de comunidade para comunidade, faixa etária, conhecimento e uso cotidiano por seu falantes. Como língua viva e em uso na comunidade pesquisada carece de estudos linguísticos mais aprofundados, como, os lexicográficos, fonéticos e fonológico, realizados por Silva (2009; 2013), morfológicos como o de Rosa e Nascimento, para citar os mais recentes. A língua é para nós terena a principal marca cultural e identitária de nosso povo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o meu povo e minha história não foi tarefa fácil, sobretudo porque a escrita de um texto de caráter científico implica em conhecimento da variante culta da língua que, talvez por ser bilíngue, apresentou-me certa dificuldade. Outra questão são as fontes. Há “coisas” que sabemos e não conseguimos dizer porque sabemos e nem quem nos informou; assim, utilizar o que sabemos nos aponta o caminho do senso comum e nos distancia do conhecimento científico. Nesse sentido, buscamos na produção sobre o povo e a língua, realizada na academia e por pesquisadores cujos texto foram reconhecido como científicos,

além da história oral, da memória dos anciões, a história de meu povo, da TI Cachoeirinha e de minha Aldeia Argola.

Trabalhamos muito para chegar a esses resultados, ainda pequenos, mas que muito representam para mim e para minha comunidade. A TI Cachoeirinha e a Aldeia Argola preservam e buscam revitalizar a cultura, os conhecimentos tradicionais e a língua materna fala em nosso cotidiano. A comunidade é bilíngue \_ português/terena. A planificação de corpus ainda é pequena e essa pesquisa contribuirá para o registro e documentação da língua terena.

Alem das palavras polissêmicas, homônimas e polifônicas, o léxico da fauna e flora com notas culturais, elaboramos filmagens e gravações que editadas constituirão acervo para a escola de Argola. Esse material encontra-se sob minha guarda, com cópia para minha orientadora. Assim, compreendo que o meu povo necessita de uma revitalização cultural e a constituição de um acervo com a descrição e registro do corpus linguístico de nossa língua para que se possa minimizar as interferências culturais e linguísticas da sociedade envolvente; e, a escola e seus atores podem constituir um caminho nesse processo.

## BIBLIOGRAFIA

ACÇOLINI, Grazielle. Os terena do Mato Grosso do Sul e o processo de formação da identidade nacional. In **Revista Terra Indígena**, ano XVI, nº 85, julho de 2002, p,35-45.

AZANHA, Gilberto; Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Cachoeirinha. FUNAI. Brasília, 24 de junho de 2003.

BITTENCOURT, Circe M.; LADEIRA, Maria E. **A história do Povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

LADEIRA, M. E. Língua e história: análise sociolinguística de um grupo terena. São Paulo: FFLCH, USP: 2001 (Tese de doutorado)

NASCIMENTO, Gardênia B. N. **Aspectos gramaticais da língua terena**. 2012, 127 p. Dissertação ( Mestrado em Estudos Linguísticos) UFMG.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do Índio ao Bugre**: o processo de assimilação dos Terena: prefácio de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. 152p.

\_\_\_\_\_. **Urbanização e tribalismo**: a integração dos índios terena numa sociedade de classes. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

ROSA, Andréa Marques. **Aspectos Morfológicos do Terena (Aruák)**. 2010, 137 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UFMS/CPTL.

SILVA, Denise. **Estudo lexicográfico da língua Terena**: Proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)- UNESP. São Paulo, 2013.

SILVA, Denise. **Descrição da fonologia Terena (Aruák)**. 2009, 131 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UFMS/CPTL.